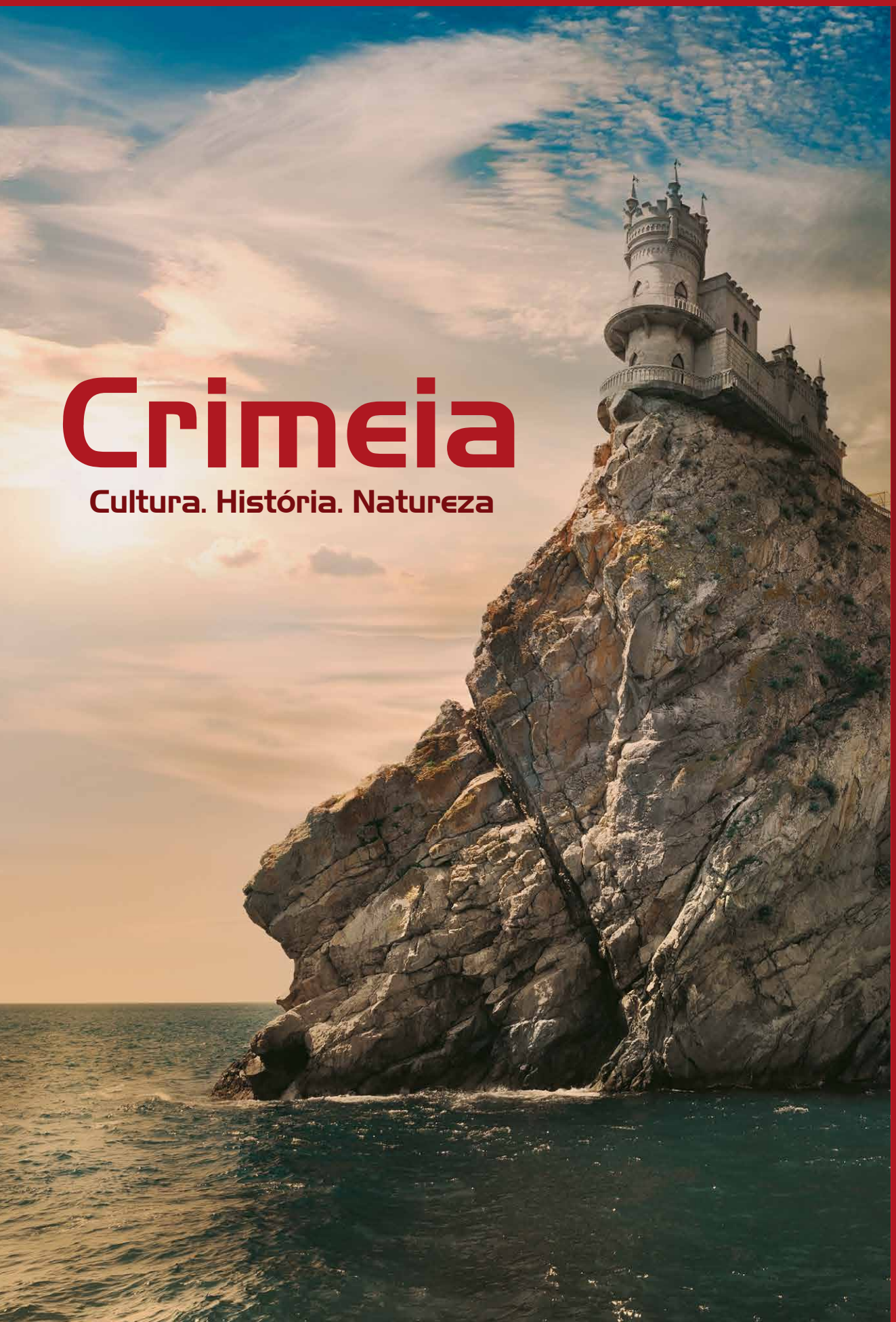


Crimeia

Cultura. História. Natureza

RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada da Rússia no Brasil

2014 #5

A decisão do povo da Crimeia é irreversível

Sergey Akopov, Embaixador da Rússia no Brasil

Falando da legitimidade do referendo na Crimeia de 16 de março último, cujo resultado é bem conhecido e irreversível, antes de mais nada devemos sublinhar que nos últimos dias de fevereiro de 2014 na República da Ucrânia foi realizado de fato um golpe de estado armado. Usurparam o poder pessoas que não têm direito nenhum de se pronunciar legitimamente em nome da Ucrânia e expressar seu consentimento ou desacordo com os processos que têm lugar na Crimeia.

A independência da Crimeia foi definida por meio da expressão livre da vontade do povo através do referendo. Mais de 82% da população participaram do voto; mais de 96% se pronunciaram a favor da reunificação com a Rússia.

Hoje os elementos nacionalistas radicais seguem a exercer uma fortíssima influência sobre as decisões tomadas em Kiev através do terror e da intimidação. Os interesses das regiões ucranianas, bem como os da população russófona e das minorias étnicas estão sendo ignorados de modo patente. Junto com seus patrocinadores bem conhecidos, tentam apresentar a situação do jeito distorcido. Gritam de "intervenção militar russa", "agressão da Rússia". Se referem à Constituição da Ucrânia, que acabaram de violar descaradamente. Chamam as autoridades legítimas da Crimeia de "autoproclamadas"… Como diz o provérbio russo, "no ladrão até o chapéu pega fogo". O povo não deixa que o enganem. Sabe que a situação é bem diferente. Ela não foi criada por nós. É resultado da crise profunda no Estado ucraniano que levou à polarização da sociedade e agudização de antagonismo entre várias partes do país.

Após a tomada ilegal e violenta do poder em Kiev, a situação, quanto à possibilidade do exercício do direito à autodeterminação do povo da Crimeia no âmbito do Estado ucraniano, piorou de modo considerável.

O direito à autodeterminação dos povos está garantido no artigo 1 da Carta das Nações Unidas. Esse direito foi reiterado mais de uma vez pelas decisões da Assembléia Geral da ONU (por exemplo, na Declaração de Princípios do Direito Internacional de 1970 e na Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais de 1960). Numa situação, quando um povo não tem a possibilidade de garantir a sua condição legal, nem a defesa dos seus direitos no âmbito do Estado, em cujo território se encontra, esse povo passa a ter o direito à autodeterminação por via da separação desse Estado, e/ou da junção a um outro Estado.

A prática da realização do direito à autodeterminação através da declaração de independência demonstra que, por motivos objetivos, este não pode ser exercido conforme as legislações nacionais. Os EUA, em seu Memorando ao Tribunal Internacional de Haia durante o processo de avaliação da separação de

Kosovo e da sua conformidade ao direito internacional, afirmaram que "as declarações de independência podem, por sua própria natureza, com frequência violar o direito interno de um país … entretanto, isso não significa que houve uma violação do direito internacional". Além dos EUA, muitos países defenderam perante a Corte a legalidade das ações de Kosovo. O próprio Tribunal Internacional anunciou diante disso que "o direito internacional geral não determina declarações de independência como proibitivas".

A independência da Crimeia foi definida por meio da expressão livre do povo através do referendo. De acordo com o direito internacional, os procedimentos democráticos, em presença de numerosos e respeitados observadores internacionais, sem influência externa o povo da Crimeia chegou a realizar o seu direito à autodeterminação, e se dirigiu à Rússia solicitando ser aceito à Federação da Rússia. A Rússia, sendo um país soberano, atendeu ao pedido do povo da Crimeia. Foi celebrado o tratado respetivo entre a Federação da Rússia e a República da Crimeia. Assim, não pode haver dúvidas sobre a legitimidade do referendo.

Para finalizar, gostaria de citar as palavras do Presidente da Rússia Vladimir V. Putin pronunciadas por ocasião deste acontecimento histórico: "Depois de uma viagem dura, longa e exaustiva, a Crimeia e Sebastopol voltam ao porto natal – à Rússia...". ■

"A Rússia, sendo um país soberano, atendeu ao pedido do povo da Crimeia. Foi celebrado o tratado respetivo entre a Federação da Rússia e a República da Crimeia. Assim, não pode haver dúvidas sobre a legitimidade do referendo"

Quersoneso – Kryuchika Yaroslav

História da Crimeia começou há 7.000 anos

Por **Snejana Cherstiúk**, especial para Gazeta Russa

Península foi formada pelo avanço do mar Mediterrâneo e abrigou uma série de povos

Há milhares de anos, a atual península de Crimeia não existia, sendo apenas uma parte indivisível do continente europeu. O mar de Azov, o menos profundo da Terra, encontrava-se no meio de uma enorme área terrestre, até que um dia, mais de 7.000 anos atrás, o mar Mediterrâneo conseguiu abrir passagem na direção norte, formando o estreito de Bósforo e alagando uma parte significativa do continente, resultando na formação do contorno atual da península da Crimeia.

Encontro das civilizações

Os cimérios foram a primeira etnia a povoar a região no século 12 a.C. e após cinco séculos foram expulsos pelos citas, cujas tribos, segundo o historiador grego Heródoto, chegaram do leste do continente euroasiático. A maioria dos cientistas modernos considera o idioma cito pertencente ao subgrupo leste-iraniano dos idiomas iranianos, que também incluem o curdo, o persa e o pachto. O centro administrativo do reino Cita se estabeleceu na região Zaporójie da Ucrânia moderna, localizada na parte norte da península da Crimeia. O domínio do império na região se prolongou até o século 3 d.C.. Além dos citas, a extremidade sul da península abrigava os tauros, cuja presença atribuiu à região o nome de Táurica, mantido até o século 15.

A população costeira da península mantinha fortes relações comerciais com a Grécia Antiga, e os gregos ensinaram seus habitantes a construir navios, cultivar azeitonas e uvas e usar princípios inovadores na construção civil. Com o passar do tempo, os gregos fundaram na península suas próprias colônias comerciais, tais como Bósforo, hoje em dia conhecido como Kertch, Teodósia e Quersoneso, onde depois foi construída a cidade de Sevastopol. A região oeste da Crimeia foi ocupada pela república democrática de Quersoneso Táurico, enquanto no leste encontrava-se o país autocrático de Bósforo.

Passeio pelo Império Bizantino e cidades da Idade Antiga

Sevastopol é um lugar ideal para conhecer o patrimônio da Antiguidade Clássica, pois abriga a cidade-museu Quersoneso Táurico, incluída na lista mundial de Unesco de memoriais culturais. Os turistas podem passear pelas ruas antigas, conhecer o sino usado como alarme milhares de anos atrás e apreciar o visual das colunas dos templos medievais e as ruínas do teatro antigo.

Eupatória encontra-se no local da antiga cidade grega Querquinitida que existiu no período entre os séculos 5 e 2 a.C.. Atualmente, no cabo Karantinni, onde a cidade se localizava, está sendo realizada uma missão geológica com o objetivo de revelar e estudar a vida dos seus habitantes. A península de Kertch é outro local importante para quem se interessa pelas ruínas antigas. Na região da cidade homônima encontram-se as ruínas da antiga colônia grega de Panticapeu. Além disso, os turistas podem conhecer a colônia de Teodósia, localizada no litoral da baía de Teodósia, a única cidade moderna da península da Crimeia que mantém o seu nome antigo.

Balaclava – Dmitrij Yakovlev

Império Romano

Os romanos chegaram à península no século 1 e, com o objetivo de se estabelecer na região, construíram o forte Charax, que logo presenciou a chegada do cristianismo à península. O "caminho de legionários" ou *via militaris*, passagem feita há 2.000 anos com o objetivo de ligar a fortaleza de Charax com a colônia grega de Quersoneso, é um dos vestígios mais interessantes da presença romana na Crimeia. Na vila de Balaclava encontram-se as ruínas de um templo romano com santuários repletos de mensagens dedicadas aos deuses Júpiter, Hércules e Vulcão, feitas pelos soldados do império.

O século 3 foi marcado pela invasão da Crimeia pela tribo de hunos vindos da parte central da Ásia, enquanto a região serrana da península foi conquistada pelos godos germânicos.

Todas as antigas cidades foram destruídas, com exceção de Quersoneso, que passou a exercer a função de centro de comando do Império Bizantino na península. Em seguida, por ordem do imperador Justiniano, a cidade de Bósforo foi restaurada, e a Crimeia ganhou três novas fortalezas: Sudak, Simbolão e Gurzuff. A última delas agradou ao famoso poeta russo Aleksandr Púchkin, que mencionou a beleza da natureza que a cercava em um de seus poemas.

Cidades das cavernas

Apesar das múltiplas tentativas de conquistar a península por completo, as tribos de hunos, que já dominavam a maior parte do seu território, não conseguiram

Cidade caverna Eski-Kermen – Anton Gvozdikov

Çufut Qale – tverkhovinets

Fortaleza Genovesa – Evgenia Tiplyashina

ocupar a região serrana da Crimeia, cujas montanhas protegiam a população nativa. Para reforçar as suas posições no local e se defender dos invasores, os moradores construíram as "cidades das cavernas", cuja maior parte existiu até o século 18. Hoje, o território da Crimeia dispõe de várias rotas turísticas que permitem chegar até as cavernas, com templos, poços, casas, escadas e até ruas inteiras feitas dentro dos blocos de calcário.

A *Çufut Qale*, fortaleza judaica fundada no século 6, é o mais preservado de todos os edifícios construídos nessa época. Ao longo dos séculos, a cidade foi dominada pelos tártaros, otomanos, cristãos e uma tribo judaica de caraitas, portanto, até agora abriga construções de defesa. Pode-se ver ainda o mausoléu da filha do sultão mongol Tokhtamich, uma galeria subterrânea de 80 metros, um poço de 30 metros de profundidade, ruínas de uma antiga mesquita, edifícios residenciais e um cemitério caraita.

Mangup Kale, fortaleza fundada pelos bizantinos no século 6, mas que ao longo do tempo foi dominada pelos citas e cazares, é a construção mais interessante da região e foi incluída na lista dos pontos de interesse únicos da Unesco. Um muro, uma torre de defensa, uma prisão com celas feitas dentro da rocha, assim como um palácio pertencente aos últimos donos da fortaleza também foram preservados.

Chegada do Cristianismo

No século 9, a península da Crimeia recebeu a visita de Cirilo, criador do alfabeto cirílico, e começou e ser povoada pelas primeiras tribos russas. A região também se tornou o local do batismo cristão do príncipe russo Vladimir, primeiro a abraçar a religião ortodoxa. No século 12, o território foi conquistado pelos cumanos, cujo idioma serviu como base para a formação da atual língua tártara da Crimeia, e em seguida dominado pelos mongois, que contribuíram para a propagação da religião muçulmana na região. Um século depois, uma parte do território da Crimeia foi vendida aos genoveses, que pretendiam reforçar a sua presença na Rota da Seda. A Fortaleza Genovesa construída em Sudak há 600 anos, chegou quase intacta aos tempos modernos e é um dos vestígios da permanência dos genoveses na península.

Em 1475, o canato da Crimeia virou um protetorado do Império Otomano, até o dia da vitória da Rússia na Guerra Russo-Turca (1768–1774), que pôs um fim ao domínio otomano na península, anexando a Crimeia ao território do Império Russo.

Bajchisarái

A cidade-jardim de Bajchisarái, antiga capital dos sultões, é uma das principais atrações da Crimeia fundada na época do domínio do Império Otomano na região. No principal palácio da cidade encontra-se o Chafariz de Lágrimas, mencionado nas obras do famoso poeta russo Aleksandr Púchkin, assim como o Chafariz Dourado, Chafariz Espiritual e os cômodos do harém do sultão. Além disso, vale a pena fazer uma visita à mesquita real, construída no século 9, ao cemitério real, ao mausoléu da esposa preferida do sultão, Krim-Guirei, erguido no século 18, à Torre do Falcão e ao museu de arte da cidade. ■

Vítimas da peste (Omne Bonum, séc. XIV), por James le Palmer

Os cinco episódios mais dramáticos na história da Crimeia

Por **Aleksêi Eremenko**, especial para Gazeta Russa

Confira os eventos que chamaram atenção do mundo para a península muito antes da recente adesão à Rússia

I. Peste para exportação

Em 1346, uma ratazana se infiltrou em um navio em Caffa, cidade que hoje se chama Feodóssia. O animal matou mais gente do que o Holocausto e a bomba de Nagasaki juntos, pois foi a partir da Crimeia que a Peste Negra se alastrou pela Europa. Mas não foi ali que começou a peste bubônica.

A pandemia do século 14 teve início no deserto de Gobi, devastando, primeiramente, a Índia e a China. Dali, caravanas a levaram até ao Ocidente, pela Rota da Seda, que na época chegava aos empórios de Gênova, na costa do mar Negro. A propagação da doença talvez tivesse ficado pela região, sem atingir o continente europeu, se não fosse um dos casos mais antigos de uso de arma biológica.

Os mongóis cercaram Caffa e lançaram cadáveres dos vitimados pela peste para dentro da cidade com a ajuda de catapultas. Uma ratazana bastou para que a doença continuasse a se proliferar. Navios genoveses passavam por portos do Mediterrâneo, espalhando cada vez mais a epidemia. Essa lição precoce sobre as sequelas da globalização custou à Europa até 25 milhões de vidas – um terço de sua população naquele tempo.

2. Mito potemkiano

A atual anexação da Crimeia à Rússia não foi a primeira. No século 18, Catarina, a Grande, e o príncipe Potemkin, seu mais próximo colaborador, trataram do assunto. As estepes a norte do mar Negro foram incorporadas à Rússia, reprimindo os tártaros que atormentavam o sul do império. Entre os territórios anexados então estava o Canato da Crimeia. O príncipe Potemkin recebeu poderes para valorizar os novos territórios. Em 1787, a imperatriz quis ver pessoalmente como decorriam os trabalhos.

Potemkin (1790), por Johann Baptist von Lampi the Elder

VIsita de Catarina II a Feodóssia (1784), por Ayvazovsky

A viagem de Catarina à Crimeia não se compara a nenhuma outra, pelo luxo e envergadura: José II, Sacro Imperador Romano-Germânico e Arquiduque da Áustria, integrou a ilustre comitiva, assim como vários embaixadores estrangeiros que iriam averiguar como a Rússia lidava com as terras novas.

Um panfleto editado 25 anos mais tarde denunciou que as aldeias de Potemkin não passavam de fingimento para enganar a imperatriz e seus acompanhantes estrangeiros. Mas nem era preciso ter qualquer "aldeia potemkiana". A Táurida, nome dado à Crimeia pelos gregos antigos, bem como a Novorossia, nome coletivo das províncias anexadas, tinham se convertido em terrenos realmente prósperos.

3. Cardigan e Balaclava

Em 25 de outubro de 1854, James Brudenell, 7º conde de Cardigan, encabeçou um ataque conduzido por 600 cavaleiros britânicos contra uma bateria de artilharia em Balaclava, na Crimeia. Ele perdeu quase metade da Brigada Ligeira em um ataque simultaneamente brilhante e suicida. O marechal Pierre Bosquet caraterizou a operação como "esplêndida, mas nada teve a ver com a guerra. Foi simplesmente uma loucura".

Rendição da Brigada Ligeira (1897), por Richard Caton Woodville

Cometeiro Henry John Wilkin (1855), Crimeia - Roger Fenton

Oficiais e soldados do 13th Light Dragoons, regimento do exército britânico (1855), Crimeia (Roger Fenton)

A derrota da Brigada Ligeira foi o maior êxito das tropas russas na guerra da Crimeia de 1854-1856. Os atos de heróico estoicismo do Exército russo não chegaram a garantir uma guerra contra toda a Europa – França, Inglaterra, Sardenha e o Império Otomano ainda eram apoiados pela Áustria e Prússia.

O armamento antiquado e a corrupção no seio da chefia militar agravavam ainda mais a situação. Curiosamente, foi a guerra da Crimeia que trouxe fama ao gorro "balaclava" e ao casaco "cardigan", inventado pelo próprio conde de Cardigan, porque os ingleses passavam muito frio nos arredores de Sebastopol.

4. Contaminação nazista

Um dos enigmas da Segunda Guerra Mundial continua sendo a razão pela qual a Alemanha nazista utilizou uma única vez as armas químicas, precisamente na Crimeia. A Wehrmacht se apoderou da maior parte da península no outono de 1941, embora as batalhas tenham se prolongado até o verão de 1942. No cerco a Sebastopol, os alemães tiveram que usar o canhão ferroviário "Dora", o maior de todos na guerra.

A maior parte das unidades do Exército Vermelho recuou da Crimeia para leste, mas mais de 10 mil homens se refugiaram em pedreiras de 40 km de extensão, junto da aldeia de Adjimuskai, e aguentaram ali por mais de meio ano.

Os nazistas não conseguiram entrar nas pedreiras, limitando-se a destruir túneis e poços. Quando acharam que não era suficiente, inundaram a região com substâncias tóxicas. Apenas 48 defensores das pedreiras de Adjimuskai sobreviveram.

5. Expatriação

Em 1941, viviam uns 200 mil tártaros na Crimeia. Três anos mais tarde, oficialmente não havia mais nenhum. Até 1989, a maioria dos tártaros oriundos da Crimeia se instalou no Uzbequistão, mas muitos (registros indicam de 15 a 50%) morreram na viagem ou tentando se adaptar à vida em desertos quase sem água. Foram deportados pelo NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos, na sigla russa) a mando dos dirigentes soviéticos. A deportação servia de castigo por colaborarem com nazistas.

A defesa de Sebastopol (1942), por A. A. Deineka

Mas ainda hoje se discute a dimensão e a forma de colaboracionismo dos tártaros, e a própria colaboração é questionável. Muitos tártaros trabalharam como guias das unidades antiguerrilha alemãs ou como polícias, sendo até combatentes do grupo das SS Crimeia.

Os tártaros tinham certas razões para não aceitar o poder soviético, que tirou seu gado e plantações de tabaco. Além disso, uma parcela considerável dos intelectuais foi reprimida nos anos 1930, e o Islamismo, bem como outras religiões, não era bem visto pelos bolcheviques. ■

Êxodo tártaro na Crimeia

Crimeios tártaros em auxílio às tropas alemãs (1942)

A luta pela Crimeia durante a Segunda Guerra

Por **Aleksandr Korolkov**, especial para Gazeta Russa

Grief, Kerch, Crimeia (1942) – Dmitri Baltermants

Para os alemães, a tomada da Crimeia abriria o caminho para o Cáucaso e proporcionaria o controle sobre infraestruturas da Costa Norte do Mar Negro. A Crimeia viveu três anos terríveis, durante os quais perdeu quase metade de sua população

Nacionalistas dos tártaros da Crimeia participavam de modo ativo nas unidades punitivas que lutavam contra a população local e guerrilheiros

A Segunda Guerra começou para a Crimeia, como para toda a União Soviética, ao amanhecer do dia 22 de junho de 1941 e acabou há precisamente 70 anos, em maio de 1944.

Para a URSS, a península era uma base importante da Marinha, um aeródromo para ataques contra reservas petrolíferas de Hitler na Romênia e, após as derrotas do Exército Vermelho em 1941, uma fortaleza natural que obrigava tropas inimigas a desviar da direção principal da agressão.

Para os alemães, a tomada da Crimeia abriria o caminho para o Cáucaso e proporcionaria o controle sobre infraestruturas da Costa Norte do Mar Negro. Em 1943, a península devia deter e desviar as forças do Exército Vermelho, que já estava avançando para o Ocidente.

A Crimeia viveu três anos terríveis, durante os quais perdeu quase metade de sua população.

Tropas soviéticas a bordo de um destroyer Tashkent-Class para apoiar Sebastopol em 1942 (AP Photo)

Tropas alemãs descansando durante o cerco a Sebastopol em 1941

Defesa de Sebastopol

Quando a Segunda Guerra começou, a cidade de Sebastopol era um dos locais mais fortificados do mundo.

A zona defensiva da cidade continha dezenas de peças de artilharia, campos de minas e duas baterias de torres blindadas –BB-30 e BB-35, chamadas pelos alemães de "Máximo Gorki", bem como uma bateria antiaérea, batizada pelos nazistas de "Forte 'Stálin'". As fortificações estavam ligadas entre si por uma rede subterrânea de passagens e arsenais nos túneis escavados nos rochedos.

As tentativas dos alemães de se apoderarem da cidade logo no outono de 1941 fracassaram. Quando foi concluída a libertação pelo exército soviético de uma parte da Península de Kerch (para o dia 2 de janeiro de 1942), os nazistas retiraram suas tropas dos arredores de Sebastopol.

No entanto, as tropas soviéticas não conseguiram preservar suas posições na Península de Kerch, sofrendo grandes perdas durante a retirada. O inimigo cortou o acesso à passagem às unidades militares soviéticas (cerca de 10 mil elementos), que estavam protegendo a evacuação, o que as obrigou a se colocar na defensiva, junto com uma parte da população local, nas pedreiras de Adjimuskai.

As pedreiras foram a última linha de defesa da Crimeia. Os alemães tomaram-nas dentro de quase seis meses; no fim do cerco de 170 dias, só 48 pessoas sobreviveram do total aproximado de 13 mil.

Em julho de 1942, os alemães tomaram Sebastopol. Durante a defesa da cidade, de outubro de 1941 a julho de 1942, o Exército Vermelho sofreu 156 mil baixas.

Guerrilha

Ainda antes da invasão alemã, na Crimeia foi criada uma infraestrutura para a guerrilha. Esconderijos com armas e provisões foram construídos de antemão, a direção de futuros destacamentos estava sendo formada.

Durante a ocupação nazista, atuavam mais de 200 organizações e grupos clandestinos na Crimeia, abrangendo até 2.500 pessoas. Os guerrilheiros organizavam sabotagens na ferrovia e atacavam guarnições inimigas.

A população local simpatizava com os guerrilheiros, já que a "nova ordem" estabelecida pelos ocupantes subentendia extermínio sistemático dos habitantes.

Bombardeiros alemães em direção à Crimeia, em 6 de Novembro de 1941 (AP Photo)

Só no período entre o final de 1941 e o início de 1942 as tropas punitivas alemãs fuzilaram cerca de 12 mil pessoas nos arredores de Feodóssia e 7 mil na zona de Kerch.

Milhares de habitantes locais foram encarcerados nos campos de concentração, o maior dos quais se encontrava no terreno do sovkhoz (fazenda estatal) "Krassni".

Nacionalistas dos tártaros da Crimeia participavam de modo ativo nas unidades punitivas que lutavam contra a população local e guerrilheiros.

Mais de 60 mil habitantes da Crimeia estavam combatendo no Exército Vermelho. A participação dos tártaros na guerrilha é avaliada em 17 mil elementos. Sultán Amet-Khan, ás da aviação, um dos mais conhecidos daquela guerra por ter derrubado 30 aviões inimigos, era oriundo dos tártaros da Crimeia.

Libertação

No outono de 1943, as tropas soviéticas se aproximaram da Crimeia e conseguiram tomar posições para ofensiva no norte e no leste da península.

Durante o inverno de 1944, decorreram combates contínuos; não obstante, não foi possível recuperar a península logo.

A defesa alemã na Crimeia –poderosa, escalonada em vários níveis– se baseava num agrupamento de 195 mil soldados e oficiais. As forças soviéticas dispunham de aproximadamente 470 mil elementos.

Em 8 de abril de 1944, as unidades soviéticas passaram à ofensiva no norte da península; passados 3 dias, no leste; em 18 de abril, toda a Crimeia (menos Sebastopol) foi libertada dos alemães.

Após um curto período preparatório, dia 7 de maio foi iniciado um ataque maciço contra uma região fortificada alemã nos subúrbios de Sebastopol. O golpe principal foi efetuado no mesmo local do ataque geral das tropas alemãs, que ocorreu dois anos antes, entre o monte Sapún e a elevação Górnaia.

Seguindo a intensiva preparação da parte da aviação e artilharia, grupos de assalto foram ao ataque. Ao fim da tarde, foi tomado o monte Sapún, no dia seguinte o inimigo foi expulso dos montes Mekenzievi.

Dia 9 de maio, um ano antes da vitória sobre Alemanha, às 8h, começou o assalto geral de Sebastopol.

O impulso dos atacantes foi tão forte que, com falta de embarcações, os soldados começaram atravessando a baía em tudo que podia flutuar.

Até os caixões, preparados por intendentes alemães, serviram de barcos. À noite de 9 de maio, toda a cidade de Sebastopol foi libertada.

Os restos das tropas hitlerianas recuaram até ao cabo de Khersonés e foram apertados contra o mar.

Os moradores contavam que em 100 metros da costa não se via água, pois tudo estava cheio de cadáveres inimigos e de cavalos, bem como de carros e meios técnicos de combate. Foi assim que acabou a presença alemã na Crimeia. ■

Os locais "ultrassecretos" da Crimeia

Por **Aliona Rakitina**, Voz da Rússia

Ao longo de toda a sua história a Crimeia atraiu as pessoas como um imã. A questão não é apenas sua localização estratégica. A Crimeia é também um ponto energético poderosíssimo no mapa da Terra, tão forte como o Tibete.

Nos tempos da URSS a Crimeia era considerada o balneário do país em que anualmente muitos cidadãos soviéticos passavam férias. O ar dos pinhais associado à brisa marinha, rica em iodo, era benéfico para todo o organismo.

Contudo não é só o clima local que traz benefícios para a saúde. A península da Crimeia é considerada justamente um local de força a que as pessoas acorrem em busca de iluminação. Ela é especialmente procurada por diversas escolas do yoga e de meditação.

Provavelmente uma das zonas mais anômalas da Crimeia, que recebe um fluxo permanente de peregrinos, é o cabo Meganom entre as cidades de Sudak e de Feodosia. Vadim Zhuravlev, professor de ioga, partilhou as impressões da sua estadia no verão passado nesse local privilegiado:

"Já não é o primeiro ano que eu reúno um grupo e levo os meus alunos precisamente ao cabo Meganom. Para as pessoas que sabem, este é um local único com uma energia muito luminosa. Ela é ideal para a prática do yoga e de meditações longas. Todos os meus conhecidos referem que aqui surge uma incrível sensação de felicidade, de liberdade, de serenidade e de clareza mental. Além de tudo o mais, aqui ocorrem sonhos premonitórios. Isso é um fato. Eu prefiro vir cá em finais de setembro, quando já não faz tanto calor e a quantidade de pessoas é bastante reduzida."

O pico de turistas ocorre em julho-agosto e, nessa altura, Meganom fica apinhado. Assim, se recomenda que os interessados em descobrir o sentido da vida e em obter um nirvana personalizado escolham a época baixa para visitá-lo.

Realmente sempre houve muito falatório sobre Meganom. Por exemplo, se considera que as capacidades extrassensoriais aqui ficam extremamente apuradas e que aqui se podem observar miragens cronológicas. É interessante o fato de os gregos antigos pensarem que no Meganom se localizava a entrada para o Reino de Hades. Não é por acaso, dizem os habitantes locais, que aqui se pode contatar com os espíritos dos mortos.

Mas isso só tem interesse se você acredita no além e em outras maravilhas. Se nos limitarmos aos fatos científicos que corroboram a excecionalidade deste local, podemos apresentar o seguinte exemplo. Até há pouco tempo, numa das unidades militares localizadas perto de Meganom foi realizada uma série de investigações classificadas de ultrassecretas e relacionadas com as anomalias magnéticas deste território. Não se tem a certeza quais eram os experimentos realizados pelos militares. Só se sabe que isso foi mantido em segredo e que durante as investigações o cabo Meganom esteve vedado a quaisquer visitantes. ■

Yoga no Cabo Meganom, Crimeia – MKaminsky

Palácio Vorontsov – Vlada Zhikhareva

A Crimeia na literatura russa

Por **Aleksandra Guriánova**, especial para Gazeta Russa

Os escritores russos, fossem eles sonhadores, revolucionários ou escapistas, sempre apreciaram as "águas neutras" da Crimeia, distantes tanto da Europa liberal, da Moscou oficial ou da São Petersburgo potente

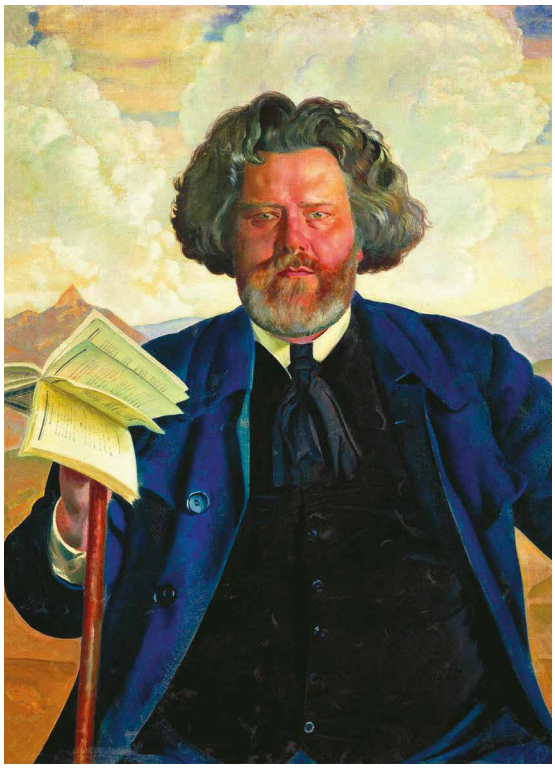
Aleksandr Púchkin foi o primeiro a descobrir a Crimeia para si próprio. Verdade se diga que não por vontade própria. Foi exilado de São Petersburgo para o sul do império devido às suas poesias exortando a liberdade. No entanto, das duas uma: ou ele era incorrigível ou os ares da Crimeia lhe deram ainda mais forças. "Meus sentidos ressuscitaram, minha mente se aclarou", escreveu ele.

A principal descoberta de Púchkin na Crimeia foi a poesia de Ovídio. Ele soube que o seu congênere romano fora deportado para a mesma região e também por capricho de outro imperador déspota. Púchkin compara seu exílio ao destino do poeta da Antiguidade. Nas obras poéticas escritas na península, continua a exaltar a liberdade, mas agora entendida como libertação da opressão do poder.

Outra personalidade da Crimeia livre foi Maximilian Volochin, poeta e pintor que fundou uma comunidade artística. Sua casa em Koktebél era a Meca da intelectualidade russa dos inícios do século 20. Marina Tsvetáeva, Ossip Mandelstám, Andrêi Beli, Górki, Aleksêi Tolstói: essa é uma lista, ainda que incompleta, dos seus convidados habituais.

Volochin incutia simplicidade e naturalidade na boêmia russa. Fazia com que seus hóspedes recusassem os formalismos que limitavam a criatividade e em sua presença trajava um robe, para dar o exemplo. Sua porta estava aberta para todos, fossem quais fossem seus cargos ou orientações políticas. Mesmo durante a guerra civil, Volochin se manteve fiel a seus princípios, escondendo tanto "brancos" dos "vermelhos", como "vermelhos" dos "brancos".

O clima agradável da Crimeia e a receção calorosa da comunidade curavam os poetas dos bloqueios criativos. Volochin foi um verdadeiro guru



Maximilian Voloshin, retratado por Boris Kustodiev (1924)

Aleksandr Pushkin, retratado por Orest Kiprenski (1827)

literário para a poetisa Marina Tsvetáeva. Ele lhe ensinou a confiar no leitor e a libertar a imaginação. Foi com seu apoio que ela se libertou da visão do mundo livresca, começando a escrever com maior simplicidade e rigor.

Tsvetáeva visitou lugares puchkinianos, como Bakhchisarai e Ialta. Em seu poema "Encontro com Púchkin", ela se imagina passeando com o "mago de cabelo encaracolado". Tsvetáeva conversa com o gênio como se fossem conhecidos, encontrando muito em comum em suas vidas. À semelhança de Púchkin, também ela não gostava do "guia" e não abria mão da liberdade individual.

O escritor Aleksandr Grin, outro amigo de Volochin, se mudou para a Crimeia por razões de saúde, nos anos 30. Grin era um notável escapista, evitando a comunidade para se refugiar na solidão. Sua grande fonte de inspiração era o mar. Na Crimeia, escreveu sua grande obra: "A Que Corre sobre as Ondas", uma história de um sonhador doente, curado pelo amor e viagens. Grin foi sepultado numa colina da cidade de Velha Crimeia, de onde se avista o mar.

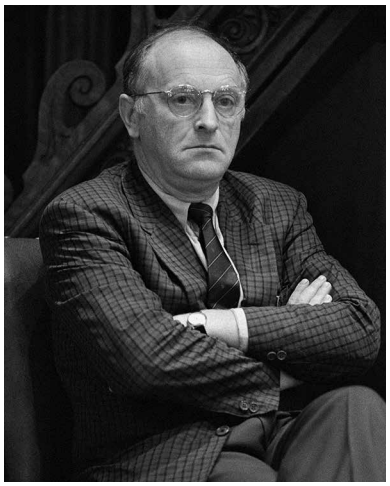
Catástrofe real

Durante a Guerra Civil, a Crimeia foi o último bastião do Exército Branco a cair. De seus portos partiam fugitivos da Rússia: cientistas, artistas, escritores. Os bolcheviques alcançaram a vitória final em 1920, ano também marcante para a literatura russa.

Em "A Fuga", peça de Mikhail Bulgakov, se refletem os últimos dias da velha Rússia. A Crimeia, nessa obra, é representada como uma Arca de Noé onde estão os que procuram se salvar da catástrofe. Militares do Exército Branco, sacerdotes e aristocratas petersburguenses tentam entender o que terá acontecido com a Rússia e qual será o lugar deles no mundo.

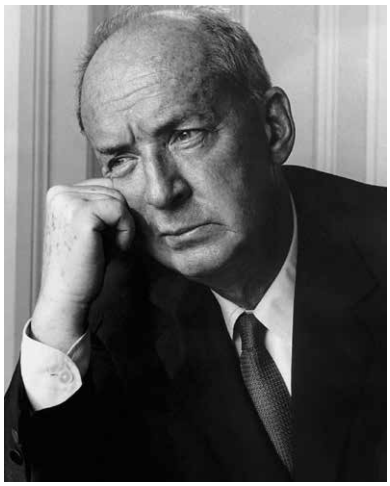
O escritor Gaito Gazdanov emigrou para a França através da Crimeia. Em seu romance "Uma Noite em Casa de Clair", ele descreve a anarquia reinante nas ruas das cidades, os trens com feridos nas estações. A última impressão que o escritor fixou da pátria: a areia escaldante do litoral da cidade de Feodóssia voando para os navios carregados de fugitivos. A Crimeia já fora tomada, mas continuava resistindo.

Vladímir Nabokov emigrou igualmente passando pela Crimeia. Embora preferisse fechar os olhos à catástrofe



Iossif Brodski

Mikhail Bulgakov



Vladimir Nabokov

e criar seu próprio mito. O protagonista do conto "A Primavera na Fialta" (se trata da imagem coletiva das cidades da península, como Ialta, Sudak e Kerch), feliz pai da família, chega à Crimeia, onde encontra Nina –sua amiga, casada também, que conheceu há 15 anos, em 1917, e com que namoriscava de vez em quando. A hipotética vida com Nina seria "dificilmente imaginável, desde sempre impregnada de tristeza apaixonante e insuportável (...)".

Para Nabokov, Nina personificava a Rússia e o ano de 1917 – as mudanças que estavam para acontecer. Pouco depois da despedida, a jovem morre num acidente de carro. O automóvel em que ela seguia a grande velocidade se chocou contra um carrinho de um circo ambulante.

Em seus posteriores romances, Nabokov deixa transparecer a nostalgia de uma potência liberal do leste europeu. O palácio do imperador entre palmeiras e o suserano contemplando o mar através da janela. Nabokov transfere para a Crimeia a capital de uma Rússia idealizada.

Península ou miragem

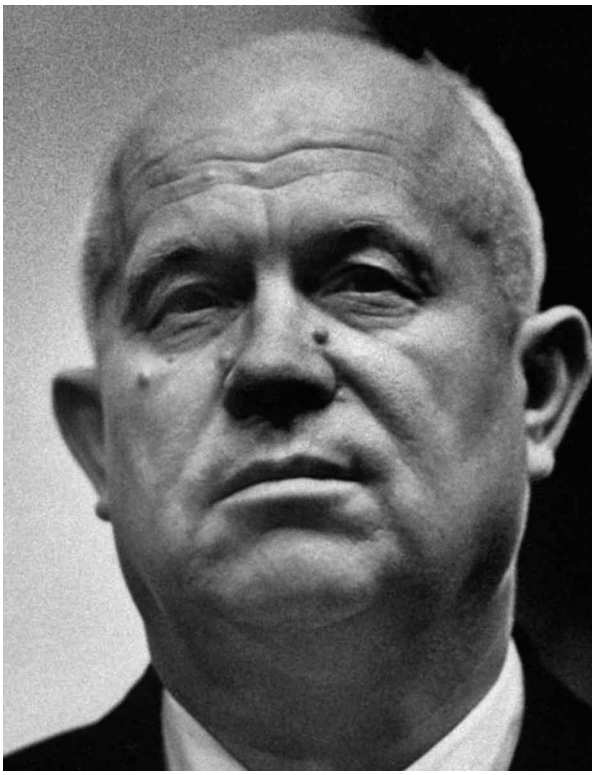
É claro que a literatura russa não desapareceu com a partida para o estrangeiro de uma verdadeira plêiade de escritores. A Crimeia continuou a atrair personalidades criadoras, que estavam em desacordo com o poder, ou seja, potenciais emigrantes. Entre eles, o jovem poeta e tradutor Iossif Brodski, futuro Prêmio Nobel. Sendo natural da fria Petersburgo, ele encontrou na Crimeia a união ideal de mar e vinho, elementos preponderantes em todas suas obras escritas lá. Numa obra de rima branca intitulada "Dedicada a Ialta", Brodski nos fala da incerteza e casualidade da vida terrena, governada invisivelmente pelo "fatum" impiedoso. No poema "Numa Noite de Inverno em Ialta", entra numa polêmica com o gênio do romantismo Goethe: "(…) para, oh instante, pois és mais irrepetível do que belo!"

A liberdade da Crimeia atinge o culto maior no romance de Vassili Aksionov "A Ilha da Crimeia", escrito nos anos 70. Aksionov foi mais longe do que fora Nabokov em seu tempo. Ele reescreve a História e transmuta a Geografia. No romance, a Crimeia nos surge como uma ilha (não como a península que realmente é), que os bolcheviques não dominaram nem em 1920. Não se deixando vergar, se torna um Estado independente.

A Ilha da Crimeia de Aksionov está florescendo, mas procura a amizade da vizinha URSS. Todavia, o "irmão mais velho" não tenciona retribuir a amizade. O Exército Vermelho só meio século depois toma a Crimeia. A história alternativa da Rússia é engolida pela real. A ilha da liberdade regressou à não existência.

A queda da Crimeia de Aksionov é uma metáfora da destruição dos idealistas dos anos 60, escritores soviéticos talentosos que ingenuamente acreditaram na humanidade do Partido Comunista. A "ilha da liberdade" é uma utopia para um país do tamanho de meio continente, cujo povo acredita somente na força. Apesar disso, a Crimeia orienta realmente os pensamentos e as almas para a liberdade. Púchkin tinha razão: passeando por Ialta ou por Gurzúf, há que procurar a liberdade na própria alma. ■

Por que a Crimeia pertencia à Ucrânia



Por **Aleksandr Korolkov**, especial para Gazeta Russa

Promoção pessoal do líder soviético **Nikita Khruschov** há 60 anos lançou as bases para crise atual

É difícil imaginar que a Crimeia, atual motivo de discordância entre a Rússia e as novas autoridades ucranianas e o Ocidente, foi um "presente de irmão" do povo russo aos vizinhos ucranianos há apenas 60 anos, quando era celebrado o 300º aniversário da unificação da Rússia com a parte oriental da Ucrânia. O gesto simbólico tinha como intenção fortalecer a parceria, a economia e o peso político do então novo secretário-geral Nikita Khruschov.

Ao longo de sua história, a Crimeia esteve sob a esfera de influência do Império Romano Oriental, canato de Khazar, Império Mongol e Império Otomano, até que, 1783, foi anexado ao Império Russo. O último, contudo, permaneceu uma formação monolítica até 1917, quando, após a revolução, foi dividido em repúblicas soviéticas formalmente independentes e autônomas, entre as quais a Crimeia. Como resultado dos tumultos revolucionários na península, a região se manteve parte da Rússia, recebendo o nome de República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR).

Imediatamente após chegar ao poder, Khruschov, que por muitos anos chefiou o Partido Comunista da Ucrânia, decidiu fazer um gesto simbólico e garantir um forte apoio pessoal na esfera de poder ucraniana: em uma das reuniões sobre agricultura realizada no Kremlin, ofereceu a Crimeia à Ucrânia.

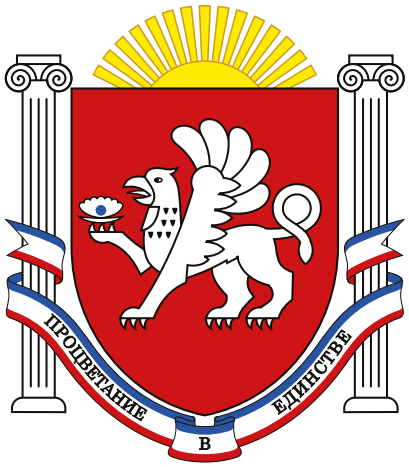
Em meio a opiniões contrastantes sobre a decisão, o argumento apresentado por Khruschov coincidiu com aqueles apresentados mais tarde na reunião do Presidium do Soviete Supremo da RSFSR, em fevereiro de 1954, pelos "inflamados oradores" Mikhail Tarassov e Otto Kuusinen. Em primeiro lugar, a Crimeia está mais perto da Ucrânia e, com a nova configuração, seria mais fácil de governar a partir de Kiev. Por fim, qual era a diferença pertencer à Ucrânia ou à Rússia se era tudo o mesmo Estado?

Na época, a população da Crimeia não se opôs à iniciativa de transferência pelas mesmas razões que os políticos. Muitos locais não tinham sequer ideia do que havia acontecido até se depararem com placas escritas em ucraniano pela rua. Sessenta anos depois da data de transferência da Crimeia, o debate sobre a legalidade da decisão veio finalmente à tona.

Juristas e historiadores voltaram então a vasculhar as bases legais que fundamentaram a decisão do poder

soviético e constataram que o acordo obrigatório para tal estava previsto no Artigo 16º da Constituição da RSFSR de 1937 e no Artigo 18º da Constituição de 1936 da URSS. O consentimento havia sido elaborado por parte de ambas as repúblicas como uma decisão de seus governos.

No entanto, o Artigo 33º da Constituição da RSFSR, que continha a lista de poderes do Presidium do Soviete Supremo da RSFSR, não previa o poder para alterar as fronteiras físicas da Federação Russa, mas dava-lhe autoridade para organizar um referendo sobre a questão – o que, na época, não aconteceu na Crimeia nem na RSFSR.



Sevastopol em fatos

Ainda mais difícil foi a questão do estatuto de Sevastopol, que desde os tempos do tsar era reconhecida como uma cidade-fortaleza, ou seja, possuía o estatuto de entidade autônoma. Em 1978, de acordo com a nova Constituição da República Soviética Ucraniana, Sevastopol, assim como Kiev, se tornou um centro republicano subordinado ao governo ucraniano -- estatuto que nem a população nem as autoridades regionais reconhecem até hoje. Paralelamente, a ordem do Presidium do Soviete Supremo da RSFSR sobre "o isolamento da cidade de Sevastopol como centro administrativo-econômico independente", assinada em outubro de 1948, não foi alterada ou sequer cancelada. Por esse motivo, em 1994, o Conselho da Cidade chegou até a aprovar a adesão de Sevastopol à Rússia. ■

Manifestação pró-Rússia em Odessa (2014) – НОВОРОСС

A reunificação da Crimeia e os interesses geopolíticos

Por **Vladímir Pozner**, jornalista

Publicado originalmente em pozneronline.ru

A reunificação – ou anexação, dependendo das preferências políticas – da Crimeia é resultado de mais de vinte anos de relações entre a Rússia e os Estados Unidos. Excluo a Europa, que se limita a um todo geográfico, mas não político. Houve um tempo em que ela sonhava com uma Constituição unificada, com os Estados Unidos da Europa, capazes de competirem com os EUA e a China, mas esses sonhos não passaram disso mesmo: de sonhos.

Quando a União Soviética caiu no esquecimento ficou claro, embora não formalmente reconhecido, que a Rússia havia perdido a Guerra Fria para os EUA. E do lado destes últimos surgiram expectativas de que a parte perdedora fosse se comportar exatamente como devem se comportar aqueles que perdem, que logo ela estaria seguindo as regras ocidentais do jogo, que seria receptiva à mentalidade ocidental e que iria crescer bem calminha sem voltar nunca mais à grandeza do passado.

Essas expectativas não se concretizaram. A Rússia não foi receptiva nem aos valores ocidentais, nem à mentalidade ocidental. E não porque tenha permanecido prisioneira do seu passado soviético, mas por um motivo bem mais sério: porque as origens da Rússia estão no cristianismo oriental, bizantino, ao contrário do Ocidente, cujas fontes remontam a Roma, ao cristianismo ocidental. Entre estas duas mentalidades e valores existe um abismo. Essa foi a primeira razão.

Balança de sanções e promessas

Em segundo lugar, a Rússia, que estava de joelhos, começou a se levantar bem mais rápido do que se esperava, em grande parte por conta dos inesperados altos preços do petróleo. Em terceiro lugar, rapidamente ficou claro que a Rússia não ia se comportar como um país derrotado. O primeiro sinal disso foi o conflito que resultou da decisão da Otan de bombardear a Iugoslávia, à qual a Rússia se opôs abertamente. Por

outro lado, lembramos que nem o Conselho de Segurança da ONU, nem a União Europeia, deram o seu aval para esses bombardeios. Os EUA tomaram a decisão, dizendo à Rússia que davam conta do recado sem ela. A partir desse acontecimento verificamos um acúmulo de desentendimentos entre os EUA e a Rússia, sendo que em todos eles os Estados Unidos assumiram uma posição de força. A irritação foi aumentando em ambos os lados: nos EUA, porque a Rússia não se comportava "como devia", e na Rússia, porque o governo norte-americano não lhe prestava contas, considerando-o claramente como um país de segunda categoria.

Durante todo esse tempo os EUA tentaram – sem sucesso – pressionar a Rússia a sair daquelas regiões que ela tradicionalmente considerava como sua esfera de influência: o Cáucaso, a Ásia Central, o Oriente Médio e a Europa do Leste. A Rússia não tinha resposta para isso (leia-se: forças), embora o uso extremamente hábil de erros norte-americanos lhe permitiu aumentar fortemente a sua popularidade no mundo árabe, em países como a Síria e o Irã.

Mas o que a Rússia não poderia tolerar em hipótese alguma era o desejo dos EUA de tomar o seu lugar na Ucrânia. E a questão não estava apenas no temor de a Ucrânia se tornar membro da Otan, cujas tropas, nesse caso, ficariam às portas da fronteira sudoeste da Rússia. A questão estava (e está) na profunda crença psicológica de que a Ucrânia é "nossa" e que os ucranianos são "nossos" (tente imaginar por um momento que ocorreu uma revolução no México e que o novo líder mexicano convidou a Rússia a colocar parte de suas Forças Armadas ao longo da fronteira entre o país e os EUA. Consegue imaginar? As consequências ficaram claras?).

Enquanto isso, os conflitos que ocorriam na Ucrânia sacudiam cada vez mais o país. A chegada de Viktor Iuchenko [presidente da Ucrânia entre 2005 e 2010] ao poder não só não trouxe salvação à Ucrânia, como mergulhou o país no caos. Nas eleições presidenciais seguintes, Iuchenko obteve 5% dos votos. É evidente que a eleição de Viktor Ianukovitch [presidente que foi deposto no final de fevereiro de 2014, em meio à crise no país] foi resultado do voto de protesto. Com Ianukovitch, a independência da Ucrânia se aproximou do zero, a corrupção atingiu um tal nível que, em comparação, a corrupção russa ficou parecendo brincadeira de criança. O descontentamento popular não parou de crescer, mas...

Tudo isso foi interpretado pela liderança russa como uma nova confirmação daquilo que vem acontecendo nos últimos vinte anos: o Ocidente impõe as suas decisões e se recusa por completo em seus atos (mas não nas palavras) a levar em conta os interesses da Rússia – neste caso, em uma região que durante séculos fez parte do chamado "mundo russo". Só uma pessoa muito limitada poderia duvidar que a resposta não tardasse. E ela não tardou. Eu não excluo a possibilidade de que era precisamente com isto que os EUA estavam contando, para aproveitar a situação e, até certo ponto, voltar para o estado psicológico da Guerra Fria. Não estou afirmando que foi o que aconteceu, tampouco estou excluindo: ficou penoso para os EUA ver o papel proeminente que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, passou a desempenhar, a ponto de ser reconhecido como "o político mais influente do ano", "o homem do ano" etc.

E quanto à Crimeia? Será necessário lembrar que, a rigor, a Crimeia nunca fez parte da Ucrânia? A Presidência do Conselho Supremo, que deveria ter aprovado a decisão de Nikita Khrushchev sobre a transferência da Crimeia do território da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) para a RSSU (República Socialista Soviética da Ucrânia), votou com apenas 13 votos. A Presidência era formada por 27 pessoas e, por isso, não houve quorum (os outros 14 simplesmente faltaram à votação). Mas a questão não está nos artifícios legais. A questão está na tomada de decisão de que qualquer negociação com o Ocidente é inútil, de que chegou a hora de dar a entender que os interesses nacionais da Rússia não podem ser tratados desse modo. E o fato de a Crimeia (para não mencionar Sevastopol) pertencer histórica e eticamente à Rússia, de os habitantes da Crimeia, na sua esmagadora maioria, se voltarem para a Rússia, era perfeitamente claro. E a decisão foi tomada.

Em seguida poderíamos discutir a questão dos prós e dos contras. Mas eu insisto que tais discussões devem se basear em conhecimento e na sóbria compreensão daquilo que aconteceu e está acontecendo.

A postura do Ocidente em tudo o que aconteceu não tem nada a ver nem com o desejo de proteger os direitos humanos na Ucrânia, nem com nenhuma preocupação com a preservação da integridade do país. Ela tem a ver com interesses estratégicos geopolíticos. E a ação da Rússia, em minha opinião, não foi de todo ditada pelo desejo de "proteger os russos, os ucranianos e os tártaros da Crimeia", mas pela mesma razão: devido a interesses geopolíticos e nacionais. ■

Varêniki, a delícia que ignora fronteiras

Por **Irakli Iosebashvili**, especial para Gazeta Russa

Varêniki são pequenas panquecas que podem ser recheadas com quase tudo, de frutas a fígado. São também um dos poucos pratos que desafiam qualquer controvérsia entre russos e ucranianos. Pergunte a um ucraniano sobre as origens dos varêniki e ele olhará para você como se tivesse perguntado se a Terra é realmente redonda. Pergunte a um russo e ele admitirá, resmungando, que até seus encrenqueiros vizinhos inventam uma boa coisa de vez em quando. O fato de que a iguaria veio da Turquia, onde se chamava diushvara, parece não incomodar ninguém, menos ainda os turcos. Existem muitas opções vendidas prontas, mas o ideal é que os varêniki sejam preparados em casa. Por isso, aqui vão duas receitas muito saborosas para serem servidas com coalhada.

Ingredientes

Receita 1:

- 2 a 3 colheres de farinha de trigo

Recheio de batata

- 5 batatas
- 1 cebola
- 1 colher de sopa de manteiga
- 2 colheres de sopa de óleo de girassol
- 100g de cogumelos secos
- dill (endro) a gosto
- sal e pimenta a gosto

Receita 2:

- 3 xícaras de farinha de trigo
- 1 xícara de água fria
- 2 ovos
- 1 colher de sal

Recheio de cereja

- 1 kg de cerejas, frescas ou congeladas
- 1 xícara de açúcar

Modo de preparo

Massa: Misture todos os ingredientes numa tigela grande e mexa até que a massa fique com uma espessura média. Faça uma lâmina de 1 a 1,5 milímetro de espessura. Corte a lâmina em quadrados de 5 cm por 5 cm. Coloque uma colher de chá de recheio em cada quadrado. Dobre em triângulos e sele os cantos. Coloque em uma panela de água salgada fervente. Mexa com frequência e retire quando os varênikis subirem à tona.

Recheio de batata: Cozinhe e amasse as batatas. Corte as cebolas em pedaços finos. Refogue com cogumelos secos até que as cebolas fiquem douradas. Misture com as batatas, a manteiga, o dill, sal e pimenta. Coloque uma colher de chá de recheio na massa.

Recheio de cereja: Lave as cerejas e retire os caroços. Coloque as cerejas numa tigela, misture com o açúcar e deixe descansar por 3 a 4 horas. Remova o caldo em excesso que se formar na tigela e coloque uma colher de chá na massa.

RÚSSIA HOJE

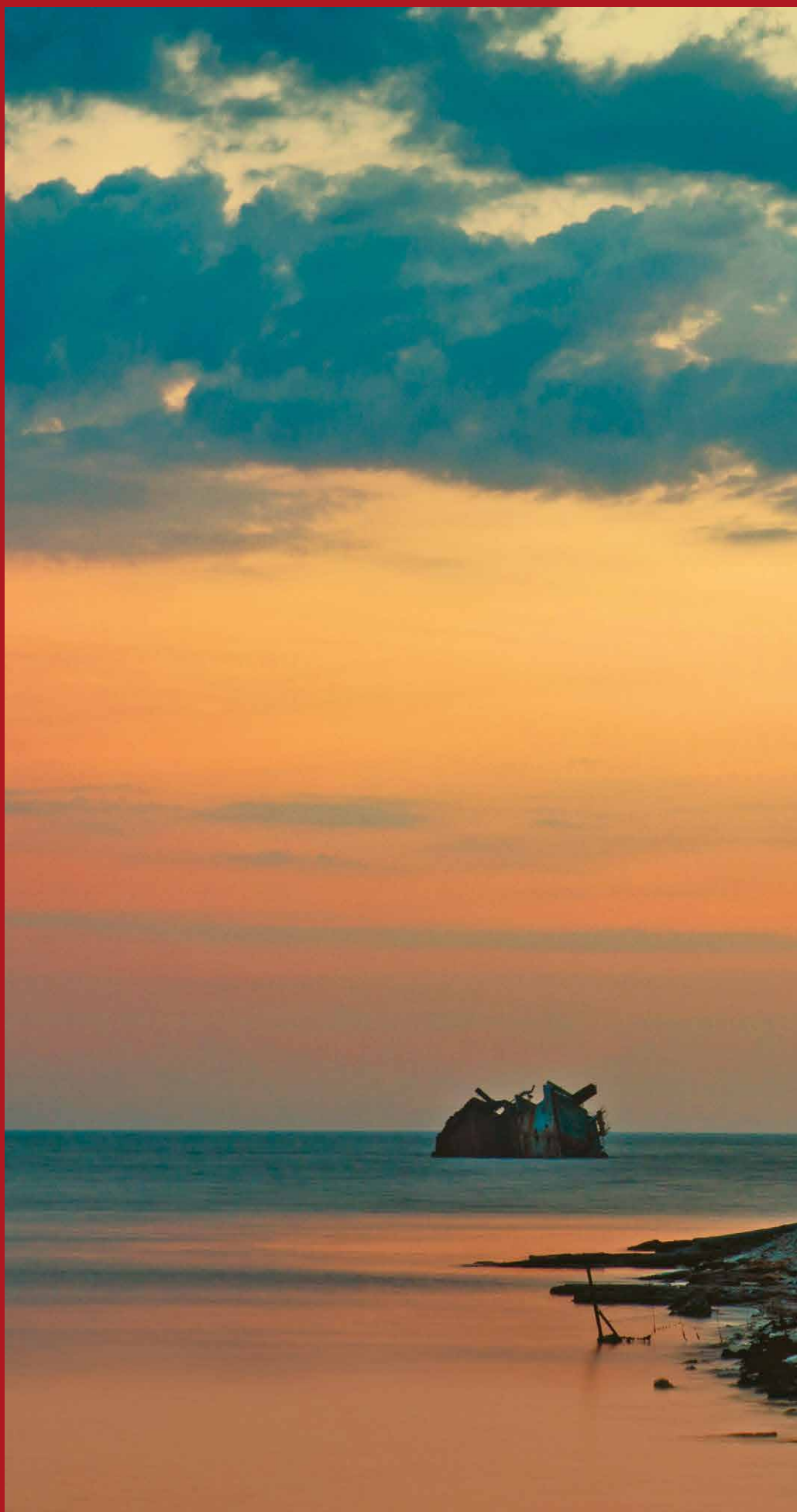
Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2014 #5

Redação
Ekaterina Kazakova

Direção de arte
Paulo Roberto Pereira Pinto

Impressão
Athalaia Gráfica e Editora

Colaboração
Diário da Rússia
www.diariodarussia.com.br

Gazeta Russa
RÚSSIA